

ROCHA PEIXOTO

A Terra Portugueza

(CHRONICAS SCIENTIFICAS)



PORTO
LIVRARIA CHARDRON
DE LELLO & Irmão, EDITORES
—
1887

ROCHA PEIXOTO

A Terra Portugueza

(CHRONICAS SCIENTIFICAS)



PORTO
LIVRARIA CHARDRON
DE LELLO & IRMÃO, EDITORES

1897

VIII

UM CURSO LIVRE

O curso livre de pathologia mental iniciado pelo dr. Julio de Mattos, para ser comprehendido, exacto e nitido, no seu valor e alcance, carece que reparemos, de leve, na nossa productividade individual perante um publico que, longe de manifestar uma sympathia cortez, se nos depara com frequencia ou desrespeitoso ou hostile. A affirmação, já tão insistente e irritantemente repetida, das nossas deficiencias no ensino, não só no officinal, de agora embryonado, mas mesmo no especulativo, incompleto e não raro obsoleto, encontrou em numerosas tentativas de varios o bom desejo d'uma ajuda que de cima não baixou e que se ha traduzido por instituições e revistas, tão enthusiasmicamente inauguradas como desastrosamente fallidas. D'ordinario

esses empreendimentos não colheram e não colhem a adhesão animadora e amiga dos circulos officiaes directamente interessados, ou seja por um estreito espirito de afastamento e reserva ou porque não paga a penna, realmente, a dedicação pelo saber. Por outro lado o publico, desapaixonado e alheio, não cuida sequer d'um applauso remunerador e polido, interpretando sempre a mais prestante e ingenua intenção ao sabor da ronha e mesquinheria tão genuinamente nacionaes.

É interessante attender, quando consultados um a um, que os nossos homens depois de abordados e ouvidos ácerca da subalteridade de Portugal em todos os districtos do saber, acabam por declarar, em synthese, que isto é um paiz fóra da historia; geralmente nunca fizeram nada, nem fazem, nem sabem, nem podem; mas para os casos raros d'uma individualidade trabalhadora e intelligente, caça-se-lhes a pittoresca opinião de que, para ser sabio, basta apenas a gente dar-lhe para ali e ter paciencia. Importa registrar o criterio corrente n'uma terra em que tradicional e prudentemente se começam simples cartas familiares pedindo desculpa d'aquellas *duas mal alinhavadas linhas*.

Compreenderá alguém como é corajosa a tentativa de certos que, por temperamento, exclusivamente por temperamento, se dis-

põem a desafiar uma curiosidade estanque, se é que algumas vezes existiu, com a bonita homenagem que o publico lhe reserva e quanto embaraço vencido para lograr a attenção e assiduidade d'uma fracção d'esse publico, como em Lisboa vae acontecendo com a *Academia dos Estudos Livres*. Esses poucos casos mesmo, considerando a fadiga que provém de qualquer serie de conferencias, á terceira desertas, as aggremações de estudo, a breve trecho abandonadas e as revistas especiaes, em pouco extinctas ou modificadas ao gosto torpe da litteratura para o seio das familias, só se explicam por tres ordens de factores. Aparecem aquelles a quem o assumpto prende pelo interesse, numero sempre minimo e inferior a uma dezena, os amigos, que mantem discreta a assistencia, e alguns coliegas, d'ordinario por coherencia na propaganda e na ideia. De resto, na conferencia, no artigo ou no livro, não mais um entusiasmo que aqueça e anime, não mais um estimulo que avigore na campanha.

De facto não se precisa, espiritualmente, de compensar com o subsidio extra-official as manqueiras do ensino. E eis aqui porque alguém me explicava, sabidão e gaiato, a quando eu indagava a quasi inutilidade de certa instituição n'uma terra do paiz, que os cavalheirós a exigiam para á porta terem a fabrica de canudos para os filhos!

Ora Julio de Mattos occupa-se nas suas conferencias de assumptos que agitam, na hora presente, grande numero de instituições sabias, em estudos, observações e controvercias e que entre nós, ainda não incluídos nos programmas dos nossos cursos medicos, deveriam naturalmente despertar a curiosidade da academia. Aqui está uma das causas a concorrer para a frequencia e successo excepcional da iniciativa, talvez como haveria de succeder com cursos analogos de anthropologia, de anatomia comparada e de histologia. Mas não só isso.

O Julio de Mattos deixou, nas gerações que se seguiram á sua, o ecco vivo do seu prestigio como academico illustre, bem saliente na sua attitude de estudioso lucido e independente da tyrannia d'um programma, cujo ambito, por demais restricto, não satisfazia, naturalmente, essa esplendida pleiade de rapazes que ao tempo frequentava as escolas. Recordo, com infinita e amargurada saudade, a vida de trabalho que um exilado querido, Bazilio Telles, me contava d'esse tempo em que certos livros de ruído e sulco eram lidos á porta fechada e depois de calafetada a fechadura, tanto abalo produziam na sisudez e compostura das gerações mandantes de então. Eram cá fóra, depois, audacias

de controversia, atrevimentos de opinião, derivações para assumptos que uma sociedade de fatuos denominava escabrosos, ignorante, certo, mas presentindo que afinal os rebeldes tinham talvez razão e eram muito intelligentes.

Indisciplinada e portanto aggredda em alguns dos seus membros, da geração do tempo se vingavam com prophcias lugubres, a amedrontar, e tragicos futuros, «o que era obvio para quem se acommette por invias veredas.» Afinal foi ella que nos deu Bazilio Telles, cujas faculdades e energia elaboradoras só as conhece quem teve a fortuna da sua convivencia, José Augusto Vieira, apreciavel homem de letras e auctor d'um dos mais bellos livros descriptivos do paiz, José Sampaio, o eminente e erudito publicista, Julio de Mattos, uma das mais evidentes individualidades medicas portuguezas, Magalhães Lemos, historologista e raro temperamento de obreiro, o infeliz Manuel Antunes, etc.

Energicos assim e trabalhadores, não admira que Julio de Mattos encerrasse a sua carreira distincta de estudante com uma these que não foi, como quasi todas, o banal arreglo ou decalque conhecidos, e que breve interviesse na campanha promovida por uma publicação philosophica de subido valor, destinada a orientar um povo ao qual, com um catholi-

cismo deprimente de seculos, já desrespeitado, tombara a ultima fé. A attitudo da geração envolvera-a quasi n'um compromisso mental, não de simples e egoista satisfação pessoal, mas orientador e educativo nos multiplices aspectos pelos quaes a sociedade portugueza era atacavel — o ensino, o fomento e a politica, principalmente. Tão forte e sincera ella fôra que, ao cabo de mais de uma dezena de annos, nós vemos — geração de agora, videira e gaja — esses homens ainda ligados á indestruível logica dos seus principios; um, que a politica por vezes affastara das suas locubrações philosophicas de orientalista e de sociologo, exilado, outro divagando, da sua funcção indagadora e estudiosa de critico, para o caso politico do momento, o medico, mesmo, solicitado, a despeito das suas publicações e da especialidade que o absorvem, a obedecer aos velhos principios defendidos, quando a sua intervenção é reclamada ou é precisa.

De então para cá nenhuma geração surgiu como aquella a que Julio de Mattos pertenceu; apenas e isoladamente apparecem rapazes que se salientem, como Adolpho d'Artayett, por uma these que além do seu valor de fundo se evidenciou á galeria pelo primor da forma, em taes livros desusada, ou como João Barreira, a mais complexa organização artistica dos novos e um dos moços cujo triumpho mais assegurado está, definitivamente.

Ora em toda a terra do mundo, por maior que seja o descalabro moral d'um povo e embora estancada a sêde da sabedoria, a tradição e principalmente a que este homem tem, influe deveras e sobretudo na mocidade que, para o dia-a-dia, trata de arranjar como pode, um titulo garantido e legal. D'ahi ainda o successo do curso livre de Julio de Mattos, frequentado nomeadamente pelos rapazes, se não pelo directo interesse na materia ao menos pelo prazer da convivencia com o seu talento brilhante e raro.

Claro é que não se resume aqui a trama do curso livre, tanto a sua indole está expressa no proprio titulo, tão estranha, no detalhe, ella é para quem isto escreve. Alguns relatos das conferencias, publicados contemporaneamente e bem nitidos na sua ementa, informaram os que não puderam assistir e evitam assim uma pallida reproducção que nem interessava os iniciados nem elucidaria os restantes. O que importa agora frisar é como o bello serviço prestado á sciencia nacional avulta pelas excepçoes qualidades de espirito do prelector, capaz de, com a variedade e amplitude da sua cultura, bordar sobre a hirta representação d'um schema a exposição mais captivante. O assumpto, de si complexo, exigia, naturalmente, uma natureza

d'estas a ataca-o e não apenas um clinico ou um professor que de semelhante mister fizessem o ganha-pão.

Reduzido á clinica, diz um dos relatos que aqui tenho presentes, o alienista não passará nunca d'um empyrico, sabendo por experiencia o valor diagnostico e prognostico d'um symptoma, mas não podendo interpretal-o e não encontrando, portanto, suggestões para fazer progredir a sciencia ou para instituir tratamentos novos. Não pode ser bom medico, no sentido scientifico e moderno d'esta palavra, quem não fôr physiologista; não pode ser psychiatra quem não conhece a physiologia do cerebro; esta, porém, não pode desacompanhar-se da psychologia, porque o pensamento só é directamente conhecido pela consciencia. Mais ainda: sendo o cerebro o que podemos chamar um orgão historico, modificando-se mais que nenhum outro através dos tempos e reflectindo em si milhares de experiencias realisadas pelas gerações que nos precederam, o estudo da anthropologia é ainda fundamento de uma psychiatria scientifica, aspirando a progredir, a sahir da rotina.

E logo o conferente, em ancia de explanação e de exemplo, desejaria tempo para um curso preliminar de psychologia, tão incomprehensivel, sem ella, é o conhecimento do individuo, que carece de ser estudado não só

em relação ao meio mas ainda ás gerações que o precederam.

O homem, dissera ainda o eminente alienista a comprovar o valor do subsidio psychologico, viera, através das gerações e dos seculos, da phase cruel e de rapina á phase de piedade e de justiça; viera do impudor e da promiscuidade, á castidade e á monogamia; viera da violação brutal ao respeito e divinição da mulher. Pois bem: o alienado é cruel, é injusto e é impudico. Um dos symptomas mais precoces da loucura é a perda do pudor, manifestada por palavras e actos. Este facto, que produz uma grande estranheza no publico, principalmente quando se realisa em mulheres, comprehende-se bem á luz projectada pela doutrina da evolução. A injustiça dos alienados, como a das creanças, manifestada na ausencia total do sentimento de propriedade, é tambem um facto vulgar. A impulsividade criminal é commum n'estes seres degradados; n'elles reaparece pela destruição dos mais nobres sentimentos, ultimas conquistas da especie, o homem primitivo com as suas tendencias barbaras.

Este extracto demonstra manifestamente a importancia das doutrinas psychologicas na interpretação dos problemas psychiatricos e é um exemplo, banal e rapido, de como deve estar armado de cultura quem os aborde.

De uma lição ácerca da etiologia da paralytia geral vou agora extrahir o que se me afigura sufficientemente revelador do interesse geral que Julio de Mattos desperta nas suas conferencias. Trata-se de certas causas da doena dita — as moraes —, doena cujo maximo de frequencia se dá nos paizes de intensa civilisao e especialmente nas grandes cidades, atacando tanto as classes pensantes, quam rara é na mulher. O trabalho intellectual, com o cortejo de torturas que o acompanha na vida moderna, não pode ser senão a causa de exaurimento, de velhice precoce, o que tudo exprime e em si resume a paralytia geral. Isto nos explica porque no seculo XIX a paralytia geral vem crescendo assombrosamente e symptomatisando um deffinamento das raas europeias; isto nos explica tambem porque nos paizes mais civilisados e nas cidades de maior produco scientifica, litteraria e artistica a paralytia geral tem o seu maximo de frequencia; isto nos explica porque nas antigas civilisaoes e hierarchias a paralytia não era conhecida, ao passo que ella germina incessantemente nas democracias onde não é o nascimento ou a tradio que nos dão o logar e a rao na sociedade, mas o successo, a produco, e, portanto, o penoso esforo da lucta; emfim, isto nos explica porque é que nas altas clas-

ses pensantes a paralyisia geral faz de preferencia as suas victimas. A proposito vem recordar o pessimo systema educativo das escolas primarias e secundarias onde o cerebro é torturado por um labor que excede as suas forças e cria as nevrasthenias precoces da juventude e a predisposição para a paralyisia geral na idade madura.

Dados estes indiculos sobre o modo como é regido o curso livre de pathologia mental, e ao qual o valioso trabalho de experimentação de Magalhães Lemos veio accumular subsidios, está feita, de passagem, a referencia que de ha muito se desejava e era de justiça exarar n'esta secção. De um amigo como Julio de Mattos eu quereria rematar com as palavras de homenagem que a sua individualidade scientifica e o seu valor merecem. Mas não é tempo de poupar os de real merito, não os confundindo n'um mesmo estylo (desgraçadamente o sabemos, nós, os que escrevemos nas folhas) com os talentos que habitualmente se concedem a todo o mundo, afinal?

INDICE

| | Pag. |
|---|------|
| EXPLICAÇÃO PREVIA | 5 |
| I. A tatuagem em Portugal. | 11 |
| II. Ensino tecnico. | 21 |
| III. Passeios geologicos. | 31 |
| IV. O Bragança. | 39 |
| V. O bicho da seda. | 49 |
| VI. Antiguidades nacionaes. | 59 |
| VII. As Maias. | 75 |
| VIII. Um curso livre. | 87 |
| IX. Flora extincta. | 99 |
| X. O S. João. | 109 |
| XI. Livros d'aula. | 123 |
| XII. A inspecção militar e a anthropologia. | 135 |
| XIII. Os marmores de Vimioso. | 145 |
| XIV. Os ciganos de Portugal. | 155 |
| XV. As dunas. | 167 |
| XVI. O principe de Monaco. | 179 |
| XVII. As ostras. | 189 |
| XVIII. O museu da Restauração. | 201 |
| XIX. Carvão e ferro. | 213 |
| XX. A piscicultura em Portugal. | 225 |
| XXI. O Natal. | 239 |
| XXII. O vinho. | 249 |
| XXIII. As colonias e a opinião nacional. | 261 |
| XXIV. Ir p'r'os estudos. | 271 |
| XXV. As abelhas. | 283 |
| XXVI. O cruel e triste fado. | 293 |

LIVRARIA CHARDRON de Lello & Irmão

98, CLERIGOS, 98

| | | | |
|--|---------------|---|-----|
| Silva Pinto | | Guilomar Torreção | |
| De palanque, annotações á vida portugueza contemporanea, 1 vol. | 600 | Pizicatos, a sahir do prelo. | |
| No Brazil, 1 vol. | 500 | Abbade de Prevost | |
| Os jesuitas, 1 vol. | 200 | Manon Lescaut, 1 vol. | 500 |
| A' hora da lucta. | 400 | Bernardim Ribeiro | |
| Alfredo Mesquita | | Menina e moça, 1 vol. | 500 |
| De cara alegre. | 500 | Bernardin de Saint-Pierre | |
| Teixeira Bastos | | Paulo e Virginia, 1 vol. ... | 300 |
| A crise, 1 vol. | 700 | Casimiro d'Abreu | |
| Rumores vulcanicos, 1 vol. | 500 | Primaveras, 1 vol. | 500 |
| Theophilo Braga e a sua obra, 1 vol. | 700 | Renan | |
| Poetas brazileiros, 1 vol. . | 400 | Vida de Jesus, 1 vol. | 600 |
| Interesses nacionaes, a sahir do prelo. | | Apostolos, 1 vol. | 600 |
| Julio Brandão | | José P. Sampaio (Bruno) | |
| Pharmacia Pires, 1 vol. . | 500 | Notas do exílio, 1 vol. ... | 600 |
| Theophilo Braga | | João Chagas | |
| As lendas christãs, 1 vol. . | 700 | Diário d'um condemnado politico, 1 vol. | 500 |
| Camões e o sentimentalismo nacional, 1 vol. | 600 | João Barreira | |
| Modernas ideias da litteratura portugueza, 2 vol. | 1\$500 | Estudos e phantasias, 1 v. em papel de linho nacional com um <i>fusain</i> de Cellini. | 700 |
| Visão dos tempos, (epopéa da humanidade), obras poeticas completas, 4 v. | 2\$400 | Luiz de Magalhães | |
| Patria portugueza, 1 vol. . | 600 | Brazileiro Soares, 1 vol. . | 700 |
| Historia da litteratura portugueza: Introducção á historia da litteratura, 1 vol. | 700 | Arnaldo Gama | |
| Sá de Miranda, e a escola italiana, 1 vol. | 700 | Caldeira de Pero Botelho, 1 vol. | 500 |
| Bernardim Ribeiro, 1 vol. | 700 | Honra ou loucura, 1 vol. . | 500 |
| Gil Vicente, a sahir do prelo. | | Filho do Baldaia, 1 vol. ... | 600 |
| In Memoriam — Anthero de Quental (homenagem dos seus amigos), 1 vol. em papel de algodão. . . | 2\$000 | Alexandre Dumas | |
| em papel de linho. | 3\$000 | A dama das camelias, 1 v. | 400 |
| | | Ramalho Ortigão | |
| | | John Bull, 1 vol. | 600 |